

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho
Javier Perianes



GULBENKIAN
MÚSICA

15 + 16 mai 25

15 mai 25 QUINTA 20:00

16 mai 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Javier Perianes Piano

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3,
em Dó menor, op. 37

c. 35 min.

1. *Allegro con brio*
2. *Largo*
3. *Rondo: Allegro – Presto*

INTERVALO

Leoš Janáček

Suite de *A Raposinha Matreira*

c. 20 min.

Béla Bartók

Suite de *O Mandarim Maravilhoso*

c. 20 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em Dó menor, op. 37

COMPOSIÇÃO 1803

ESTREIA Viena, 5 de abril de 1803

DURAÇÃO c. 35 min.

Após a composição dos dois primeiros concertos para piano e orquestra, op. 15 e op. 19, Ludwig van Beethoven deu forma a um novo desafio, dentro do mesmo género instrumental, corria o ano de 1800. Estabelecido na capital austríaca há oito anos, o músico continuava a sentir a necessidade de expandir o repertório concertante para o seu instrumento de eleição, do qual dependia, em grande medida, a sua própria afirmação profissional no exigente meio vienense, malgrado os sintomas de surdez que, por essa altura, se manifestavam. O processo de composição terá levado cerca de dois anos, já que a estreia sobreveio a 5 de abril de 1803, no Theater an der Wien, com Beethoven no piano. Do mesmo programa constaram ainda as estreias da Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 36, e da oratória *Christus am Oelberge*. A firma vienense Kunst und Industrie Comptoir publicou a partitura em novembro de 1804, com uma dedicatória dirigida ao Príncipe Louis-Ferdinand da Prússia. Inspirado pelas matrizes do pleno Classicismo, Beethoven escolheu a forma de sonata de primeiro andamento para o *Allegro con brio* inicial. Os complexos temáticos são aqui apresentados pela orquestra e depois reproduzidos pelo piano. O primeiro tema da exposição

surge na tonalidade de Dó menor, evocando uma atmosfera marcial que faz lembrar a *Sinfonia Heroica*, cujos esboços são da mesma altura. Um segundo tema *cantabile*, em Mi bemol maior, responde ao primeiro e serve de ponto de partida para um diálogo concertante entre o solista e a orquestra. No desenvolvimento, a parte de piano é substancialmente mais elaborada do que nos dois primeiros concertos e promove numerosas modulações a tonalidades distantes. Após a recapitulação, tem lugar a coda, baseada no tema introdutório. O segundo andamento, *Largo*, na tonalidade mediante de Mi maior, principia com uma declamação expressiva do instrumento solista, em clima de grande recolhimento, trazendo consigo uma dimensão idiomática remanescente de certos andamentos homólogos de Mozart. A secção central abandona a preponderância do piano, já que o solista desempenha aqui o papel de acompanhamento dos sopros, por meio de extensos harpejos que percorrem os seus vários registos. O piano introduz o refrão do andamento final, *Rondo*, tema de contornos sincopados que serve de mote ao diálogo enérgico com a orquestra, através de uma série de secções contrastantes. A tonalidade homónima de Dó maior sublinha o término fulgurante do andamento.

Leoš Janáček

(Hukvaldy, 1854 – Ostrava, 1928)

Suite de *A Raposinha Matreira*

COMPOSIÇÃO 1923 / 1937 (suite, Talich) / 2006 (suite, Mackerras)

DURAÇÃO c. 20 min.

A ópera *A Raposinha Matreira* tomou por base um libreto do próprio Leoš Janáček, inspirado na novela do escritor checo Rudolf Těsnohlídek. Tanto quanto a fábula propriamente dita, as numerosas e profusas gravuras que acompanharam a novela, publicada, em várias partes, no jornal *Lidové noviny*, ajudaram a despertar em Janáček uma veia genuína de apreciação estética da natureza e dos animais, aliada ao reconhecimento das interações recíprocas com os humanos, num testemunho raro de plena imersão no idealismo ecológico, *avant la lettre*. No curso da ópera, o grande representante do nacionalismo musical checo conta a história da pequena raposa que foi capturada por um guarda-florestal e que se vê, logo depois, aprisionada na sua quinta, da qual acaba por escapar, incentivada pelo sonho incessante da liberdade. A história prossegue no segundo ato, com as peripécias da raposa junto de vários personagens da comunidade, até à concretização dos instintos do acasalamento e da criação da ninhada. O fim inevitável vem a ser ditado por um caçador furtivo, já no terceiro ato. O apego à obra era tal que, a pedido do compositor, a música relativa à cena final deste último ato veio a acompanhar as suas exéquias, ocorridas em Brno, a 15 de agosto de 1928. A Suite orquestral é composta por dois

andamentos encadeados. O primeiro descreve a cena da floresta, na qual tem lugar a captura da raposa. O segundo andamento inicia-se com o prelúdio que abre a segunda cena, alusivo à quinta do guarda-florestal. Habilmente, o compositor coloca a ênfase no sonho de libertação da raposa, construindo uma textura extática em que abundam os temas de cunho onírico, sobre prolongadas notas-pedais. O ponto de chegada do andamento coincide com a fuga da raposa, a qual logra roer a trela que lhe prendia os movimentos e fugir para o bosque, sob os olhares irados do guarda-florestal e da sua esposa.

Defensor das orquestrações originárias das óperas de Janáček, o maestro australiano Charles Mackerras procedeu à sua própria reconstituição da suite da ópera, partindo da versão do seu professor Václav Talich. Para além de ter purgado a partitura de todas as passagens reorquestradas, expandiu significativamente o segundo andamento, com base em material inédito do prelúdio. Nesta versão, a suite foi escutada, pela primeira vez, a 4 de novembro de 2010, no concerto de homenagem póstuma a Charles Mackerras, ocorrido no Royal Festival Hall de Londres, com a Philharmonia Orchestra, sob a direção de Alexander Briger.

Béla Bartók

(Nagyszentmiklós, 1881 – Nova Iorque, 1945)

Suite de O Mandarin Maravilhoso

COMPOSIÇÃO 1918-1919 / 1927 (suite)

DURAÇÃO c. 20 min.

A derradeira partitura de bailado de Béla Bartók foi composta entre 1918 e 1919, no rescaldo da Primeira Grande Guerra e ante a desagregação do Império Austro-Húngaro. Foram tempos conturbados, com falta de cuidados de saúde e de recursos básicos de subsistência, tendo a fome assolado várias regiões. A partir dos arredores de Budapeste, onde residia, o músico foi assistindo ao cenário desolador, ao mesmo tempo que procurava novas fontes de inspiração. Uma delas, de algum modo relacionada com o clima que então se vivia, foi a “pantomina grotesca” do dramaturgo húngaro Lengyel Menyhért, publicada sob o título *O Mandarin Maravilhoso* no periódico *Nyugat*, em 1917. Desafiando as rígidas convenções morais da época, Menyhért fez desenrolar a ação dramática num bordel, a partir do qual uma jovem, em conluio com três vagabundos, vai seduzindo homens que passam na rua, com o objetivo de lhes roubar os bens. A visita inusitada aos meandros da depravação e da violência deu a Bartók a oportunidade de construir uma partitura repleta de densidade emocional, a qual faz jus ao potencial coreográfico do bailado e à sua vocação expressionista. Na suite orquestral que compôs a partir da versão originária, Bartók principiou por representar a cidade e a sua azáfama constante de ruídos e movimentos de vaivém (*Allegro*). Com a acalmia que

sobrevém, são apresentados os personagens da história: os três vagabundos e, por fim, a rapariga que se insinua à janela, personificada pela frase do clarinete sobre o acompanhamento dos violoncelos. A primeira vítima é um velho com boa aparência. O estilo desengonçado e hesitante sobressai da breve dança cómica, marcada pelos *glissandi* dos trombones. Percebendo que o velho não possui bens, os vagabundos saem do seu esconderijo e acabam por expulsá-lo. A rapariga regressa então à janela, seduzindo um jovem adolescente para o qual dança inicialmente de forma suave e insinuante, e depois com maior veemência. O momento é bruscamente interrompido pelos vagabundos, logo que constatarem que também o jovem não tem dinheiro (*Vivace*). Vislumbra-se, em breve, um estranho personagem oriental que parece interessar-se pela rapariga. Bartók constrói então uma curva progressiva de tensões, a qual descreve o trajeto do Mandarin em direção ao quarto. A figura do bem remunerado funcionário público chinês torna-se, inicialmente, deveras atrativa e ao espanto causado pelo seu aparecimento corresponde um discurso musical enérgico, quase apoteótico, singularizado pelas sonoridades vincadas dos metais e da percussão. À medida que a rapariga descreve a sua dança sedutora, os movimentos tornam-se mais efusivos e com laivos de dissonância, num crescendo de desejo erótico que culmina com a perseguição do Mandarin à rapariga (*Sempre vivace*). Apesar de ficar em suspenso na presente suite de concerto, o final prossegue, na partitura de bailado, com a violenta agressão dos vagabundos ao Mandarin, sucedida pelo beijo redentor que a rapariga lhe dá, antes da sua morte.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Nuno Coelho

Nuno Coelho é o Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica del Principado de Asturias desde 2022. A par dos concertos em Oviedo, na temporada 2024/25 regressa à Orquestra Gulbenkian, à Sinfónica de Antuérpia, à Filarmónica de Tampere e à Sinfónica da RTVE e estreia-se à frente da Sinfónica de Stavanger, da Staatsphilharmonie Nürnberg e da Orquestra do Minnesota. Nas últimas temporadas, destacam-se as colaborações com a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica da Rádio Neerlandesa, a hr-Sinfonieorchester Frankfurt, a Sinfónica de São Paulo, a Orquestra Nacional de Espanha, a Filarmónica de Dresden, a Filarmónica do Luxemburgo, a Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo e a Sinfónica de Barcelona.

No domínio da ópera, dirigiu produções de *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka* e *Manon*. Em 2022 dirigiu, na Fundação Gulbenkian, um encontro entre a ópera *Don Giovanni* de Mozart e a peça de teatro homónima de José Saramago, tendo dirigido *Così fan tutte* na temporada anterior. Em 2026 regressa à Ópera de Oviedo para dirigir *Manon Lescaut*.

Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Estudou direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o Prémio Neeme Järvi do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no concurso para jovens maestros do Festival de Salzburgo. Em 2015 foi aceite no *Dirigentenforum*, na Alemanha e, nos dois anos seguintes, foi *Conducting Fellow* em Tanglewood (EUA) e Maestro Assistente da Filarmónica Neerlandesa. Venceu o Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués em 2017 e na temporada 2018/19 foi *Dudamel Conducting Fellow* na Filarmónica de Los Angeles e colaborou com Bernard Haitink e a Sinfónica da Rádio da Baviera.

Javier Perianes

A carreira internacional do pianista espanhol Javier Perianes levou-o a pisar os palcos mais prestigiados do mundo, em colaboração com maestros como D. Barenboim, C. Dutoit, Z. Mehta, G. Dudamel, K. Mäkelä, G. Nosedá, G. Gimeno, S. Young ou V. Jurowski. A temporada 2024/25 inclui a estreia espanhola de *Ciudad sin sueño*, de Francisco Coll, com a Orquestra da Comunidade Valenciana, e atuações com a Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Philharmonia Orchestra, a Filarmónica de Oslo, a NDR Elbphilharmonie, a BBC Scottish Symphony e a Sinfónica de Vancouver. Perianes dirigirá, ao piano, a Orquestra Sinfónica da Galiza e a Orquestra da Comunidade Valenciana, interpretando os concertos para piano e orquestra de Beethoven. Javier Perianes apresenta-se com regularidade em recitais a solo. Na presente temporada, atua no Wigmore Hall, no Teatro Colón de Buenos Aires, na Radio France em Paris e no Festival Internacional de Piano de Bréscia e Bérghamo. Músico de câmara natural e apaixonado, colabora regularmente com a violetista Tabea Zimmermann e o Quarteto Quiroga.

Ao longo da sua carreira, apresentou-se com outras distintas orquestras como a Filarmónica de Viena, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Chicago, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Sinfónica Yomiuri Nippon, bem como as Orquestras Filarmónicas de Londres, Nova Iorque e Los Angeles e a Orquestra de Paris, entre outras. Javier Perianes grava em exclusivo para a Harmonia Mundi. Os mais recentes lançamentos incluem *Goyescas* de Granados, bem como Sonatas e Mazurcas de Chopin. Em 2012, Javier Perianes recebeu, das mãos do Ministro da Cultura de Espanha, o Prémio Nacional de Música. Em 2019 foi nomeado “Artista do Ano” nos International Classical Music Awards (ICMA).

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vladimir Tolpygo CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Nelson Nogueira*
César Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Bernardo Barreira*
Ana Sofia Faria*
Xavier Pereira*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Micaela Miranda

Raquel Noemi

Márcia Marques

Sara Farinha

Bárbara Ferreira*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

João Valpaços

Hugo Paiva

Maria Leonor Moniz*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Pedro Aparício*

Vitor Silva*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Leonardo Coelho 2º SOLISTA*

Rui Maia 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

João Moreira 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Sérgio Pacheco 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Marco Fernandes 2º SOLISTA*

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

André Castro 2º SOLISTA*

PIANO

Ricardo Martins 1º SOLISTA*

CELESTA

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

ÓRGÃO

Diogo Pombo 1º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

CARTÃO GULBENKIAN

**Garanta o seu lugar
na Temporada 25/26
Gulbenkian Música**

**Balcão
Cartão Gulbenkian
Apoio Presencial**

Átrio do Edifício Sede
19 – 21 maio, 14:00 – 18:00
22 – 31 maio, 10:00 – 19:00

Adira ou renove o seu Cartão Gulbenkian e aproveite todas as vantagens exclusivas.

CARTÃO
GULBENKIAN

CARTÃO
GULBENKIAN
MAIS

Gratuito

65€ / ano

Troca de pontos por ofertas especiais



Descontos etários mais vantajosos



Desconto de 10% em publicações



Compra de assinaturas para
a Temporada Gulbenkian Música



Levantamento antecipado de bilhetes
para eventos gratuitos

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

Entrada gratuita no Museu,
CAM e exposições



Acesso prioritário a exposições



Compra antecipada de bilhetes avulso



Programação exclusiva



Desconto de 10% em artigos de loja



Newsletter exclusiva



Saiba mais



A Mesa do CAM

O novo restaurante liderado pelo chef André Magalhães, propõe uma experiência gastronómica da horta para a mesa, recorrendo a produção própria e a uma rede de produtores locais.



Qui – Sáb
Até às 23:00

A pensar na Temporada Gulbenkian Música, a Mesa do CAM apresenta um serviço à carta e um menu especial de petiscos e vinhos para depois dos concertos.

Reservas
online

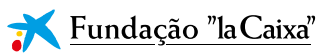


Gulbenkian Música

Temporada 25/26

Apresentação
22 maio 18:00
Grande Auditório

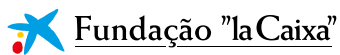
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

